

Envoltas pela filosofia Africana, trazemos à baila reflexões sobre o dia 25 de julho, considerado também como dia de luta contra o sexismo, o racismo e a discriminação de classe social. Uma data significativa, simbólica e histórica que nos desafia a, coletivamente, denunciar e enfrentar com escureza as múltiplas opressões existentes entre gênero, raça e classe que são endereçadas a nós, mulheres negras.

Além disso, esta data nos convida a, em um mesmo nível, anunciar as nossas potencialidades, na esteira das diversas narrativas e escrevivências de mulheres negras atuantes em vários contextos, bem como a engrandecer e a enegrecer a luta no combate à interseccionalidade de opressões relacionadas às mulheres negras.

O 25 de julho, Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, foi criado em 1992 a partir do primeiro Encontro de Mulheres Afro-Latino-Americanas e Afro-Caribenas, em Santo Domingo, República Dominicana. Nesta mesma data, também é reconhecido o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra, expresso por meio da Lei nº 12.987/2014, sancionada pela presidenta Dilma Rousseff, em homenagem à rainha quilombola Tereza de Benguela, nascida no século XVIII, que liderou o Quilombo de Quariterê após a morte de seu companheiro, José Piolho, localizado no Vale do Guaporé (MT).

A história da nossa ancestralidade valida a filosofia Africana Ubuntu, “eu sou porque nós somos”, através da existência e resistência de mulheres como Tereza de Benguela, Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo, dentre outras mulheres pretas que foram e são a corporificação da luta contra o silenciamento e o território do não-ser.

Os tempos são outros, mas os resquícios do passado, ainda presentes, ecoam na atualidade, anunciando que, para o futuro, o único caminho possível para nós, mulheres negras, é o aquilombamento, a sororidade e a dororidade, como destaca Silva Piedade. Os dados estatísticos denunciam que a crueldade do racismo estrutural de cada dia perpassa os casos de violência letal no Brasil. Mesmo passados mais de 500 anos do tráfico negreiro, e após mais de 400 anos de ostentação do regime escravocrata no Brasil e 133 anos da Lei Áurea, temos o entendimento de que a lei não avistou a população negra e o trauma colonial infelizmente persiste.

Os fatos e atos delatam que a luta contra a escravização e segregação continua. Nós, mulheres negras, somos a base da pirâmide social. Nesse período de pandemia do COVID-19, sofremos os maiores impactos dessa crise econômica, sanitária, social, educacional e humanitária, que veio aprofundar o desrespeito, o racismo estrutural e institucional, a desigualdade e o descumprimento dos direitos. Continuamos, a contragosto e fomentada pela necropolítica estatal, como as maiores vítimas de preconceito, discriminação, violência, feminicídio, estupro, abuso sexual, dentre outros. Contraditoriamente, somos a minoria nos cargos de liderança em instituições públicas e privadas. Isso é incongruente! Essa conta não fecha! Isso porque nós, mulheres negras, somos mais de 41 milhões, 28% da população brasileira.

Vivemos em um país sustentado por um patriarcado racista e heteronormativo. Resultado disso: a cada 6 horas uma mulher é morta. A cada 8 minutos outra é estuprada, conforme dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. De acordo com o Portal Geledés, o Brasil registrou uma denúncia de violência doméstica por minuto em 2020, sendo o Ceará o 7º estado com mais denúncias de violência contra a mulher no país. Quando trazemos o recorte de raça, o racismo fica explicitado: 61,8% das mulheres mortas eram negras, conforme Tribunal de Justiça do Ceará (TJCE), sem contar as

subnotificações. Conforme o Atlas 2018, entre 2008 e 2018, a taxa de homicídios entre as mulheres não negras caiu 11,7%. Entre as mulheres negras aumentou 12,4%.

Perante essas situações, experiências essas sentidas na pele por nós, mulheres negras, é urgente nos movimentarmos e escutarmos os gritos de que é preciso viver. Estamos cansadas de sobreviver e necessitamos desestabilizar essa pirâmide social, somos mulheres em contínuo movimento, e como diz Ângela Davis, "Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela..."

|